

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES**

**A FORMAÇÃO ANTROPOLÓGICA BRASILEIRA EM MACUNAÍMA:  
REPRESENTAÇÃO DO BRASIL NA AMÉRICA LATINA**

Luciana Rodrigues do Nascimento  
Mestranda em Letras –UFES (bolsista CAPES)

**Resumo:** Neste trabalho, buscarei mostrar a formação antropológica do brasileiro - formado a partir do contato do colonizador lusitano com os ameríndios e, posteriormente, com os negros advindos da África. Deste encontro, nasceu a matriz do povo brasileiro. Levantarei a hipótese de que é possível eleger o livro *Macunaíma* (1928, do autor Mário de Andrade, como instrumento cultural de representação de uma brasilidade dentro do conceito de América Latina. Em diversos trechos da obra o autor modernista faz críticas à europeização do brasileiro nas décadas iniciais do século XX, para isso usa a figura do “herói sem nenhum caráter” para caricaturar esse ser híbrido que é o brasileiro. Para validar minha proposta, usarei pressupostos teóricos de Silviano Santiago, Ángel Rama, Ettore Finazzi-Agrò, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, dentre outros, em oposição à sugestão da exclusão do Brasil do *Latin America* apresentada pelo historiador Leslei Bethel em seu artigo *O Brasil e a ideia de “América Latina” em perspectiva histórica* (2009), embora sua crítica seja muito pertinente.

**Palavras-chave:** Formação antropológica brasileira; Macunaíma; América Latina.

**O hibridismo do povo brasileiro: o encontro entre índios, portugueses e negros**

*O nosso contingente tem de ser brasileiro.*

*Mário de Andrade*

(Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira)

O brasileiro é um ser, por natureza do processo colonial, híbrido, nascido à partir do contato dos portugueses com os índios e mais tardiamente e, não menos importante no processo de formação sociocultural, com os escravos africanos. Desses contatos, surgiu a matriz principal da formação brasileira. Independente de buscar a assimilação da cultura ocidental, o brasileiro tornou-se diferente, ainda que não fosse essa sua intenção, por seus característicos traços étnicos e socioculturais herdados da junção entre os povos que - seja pelo processo de colonização (portugueses), ou pela escravidão (negros africanos) - fizeram contato com os ameríndios que nas terras brasileiras viviam antes do descobrimento.

O processo de mestiçagem ajuda-nos a entender o fato de o brasileiro ser único, não é nem uma coisa, nem outra. Não é índio, não é europeu, tampouco é africano. Todavia traz em si

a multiplicidade das três culturas, tornando-se, assim, uma singularidade. Do processo de romance das línguas surgiu a “Língua-Geral”, que não era a Língua Portuguesa de Portugal e tampouco a Língua Portuguesa do Brasil, e, talvez, possa ter sido, de fato, a primeira Língua Brasileira, surgida da necessidade de comunicação entre os jesuítas e os aborígenes. Essa língua vigorou no Brasil até ser proibida pela realeza lusitana, preocupada com a expansão desta estranha língua e com as consequências que poderiam advir deste crescimento. “Evitar o bilinguismo significa evitar o pluralismo religioso e significa também impor o poder colonialista (...) Um só Deus, um só Rei, uma só Língua (...)” (SANTIAGO, 2000, p. 14).

Até a segunda metade do século XVII era comum o uso do idioma do gentio, pois há registros do Padre Belchior Pontes sobre o uso dessa língua por toda a Comarca, segundo registro no livro *Raízes do Brasil* (1995), de Sérgio Buarque de Holanda. Embora, conforme relatos do padre Manuel da Fonseca, o uso da língua já não acontecia mais no próximo século, pois o jesuíta cita que isso era “coisa do passado”. Portanto, conclui-se que a integração da língua portuguesa ocorreu no início do século XVIII. Entretanto, segundo Sérgio “é possível que, mesmo nessa primeira metade até mais tarde, não se tivesse completado inteiramente em certos lugares(...)” (HOLANDA, 2004, p. 129).

Com o tempo, o colonizador, além de impor sua cultura, impôs, também, sua língua. Porém, diferentemente do que ocorreu na expansão portuguesa em solo africano, no Brasil, o processo de formação linguístico foi diverso. Aos poucos, a língua falada diversificava-se em muito da língua escrita. A língua considerada a culta, conforme promulgava Portugal, ficava cada vez mais diferente da língua falada, que também não era mais a “língua-geral”, mas uma língua brasileira, com suas características próprias.

### **A participação do negro na constituição identitária do brasileiro**

É importante lembrar que no início das navegações portuguesas, no século XVI, muitas mulheres negras foram incorporadas em algumas casas da nobreza lusitana. Além de receberem educação, casaram-se e receberam dotes. O tratamento dado a elas foi semelhante ao que as moças portuguesas recebiam na época. Diferentemente do que ocorria em terras dominadas por católicos não-ibéricos, os quais não legitimavam os filhos de cor, que eram

considerados uma vergonha, além de serem abandonados. Para os portugueses, o processo de mestiçagem não era vergonhoso, pois os ajudava a conquistar mais território, além de aumentarem o volume populacional, como se vê no trecho de Gilberto Freyre, a seguir: “Os motivos econômicos e materiais que levaram Portugal e Espanha a agirem desse modo foi a necessidade de aumentar suas populações. Mas havia também um motivo místico – a conversão das almas”. (FREYRE, 2003, p. 435). O cristianismo era latente entre os portugueses e salvar almas era considerada uma tarefa divina.

Freyre, sobre a mistura entre as raças, salientará em seu texto: “(...) a miscigenação não foi a única técnica do português. Foi também o tratamento (..) suave que deu aos seus escravos, algo que estava quase ausente no português era o preconceito de cor.” (FREYRE, p. 436). Por não haver tal preconceito, não era incomum que filhos legítimos e ilegítimos tivessem o mesmo *status* social, conforme observou Freyre. Era um “imperialismo assimilatório” - termo cunhado pelo sociólogo francês René Maunier.

Também é pertinente salientar que a assimilação da língua portuguesa foi fundamental para sedimentar as relações entre as etnias. O autor de *Palavras repatriadas* dirá oportunamente:

O português é a língua, não apenas de Portugal, mas do Brasil, da África portuguesa, da Índia portuguesa, do Timor, de Macau (...) É uma língua que se enriquece de orientalismos e tropicalismos; uma língua que cresce e se expande: uma verdadeira língua ibero-tropical. (FREYRE, 2003 p. 461)

Sabe-se que num processo de colonização sempre haverá um movimento, por parte do colonizador, para sedimentar sua língua como forma de controle do povo colonizado, assim aconteceu no Brasil e também em África, todavia, em terras tupiniquins, o lusitano não encontrou a mesma facilidade que obteve no continente africano, quer fosse pelo espírito indomável dos aborígenes, quer fosse pela dificuldade em conquistar a vasta extensão das terras brasileiras. Somente após muito tempo é que o português tornou-se uma “verdadeira língua ibero-tropical”, conforme salientou Gilberto Freyre.

### **A transculturação como ferramenta de formação da identidade nacional**

Na perspectiva adotada neste trabalho, é preciso tomar o pressuposto básico de *Transculturação*, de Ángel Rama - para relacionar a obra *Macunaíma* (1928) de Mário de

Andrade como instrumento de representação de uma brasilidade dentro da América Latina - por ser esse um processo que sugere um duplo movimento de assimilação e resistência entre culturas/línguas que entram em contato, e que desencadeia inevitavelmente perdas e ganhos parciais de conteúdos e práticas culturais entre elas. Esse processo explica o ineditismo da nova língua e, também, as novas práticas culturais, religiosas (sincretismo), sexuais (poligamia advinda do colonizador português – pois, embora entre os índios não houvesse muitas restrições quanto às relações consanguíneas ou entre sexos iguais, o mesmo não ocorria entre os negros).

Embora o processo de transculturação de Fernando Ortiz(1881-1969) não seja totalmente igual ao defendido por Rama, é relevante que o abordemos para o que se propõe neste trabalho. Vejamos:

(...) a palavra **transculturação** (grifo meu) representa melhor as diferentes fases do processo de transição de uma cultura para outra, porque isso não implica apenas em adquirir outra cultura, que é o que a palavra aculturação realmente implica, mas o processo envolve também necessariamente a perda ou o desenraizamento de uma cultura anterior, que poderia ser definida com desculturação. Além disso implica a ideia da conseqüente criação de novos fenômenos culturais, que se poderia chamar de neoculturação. (...) o resultado da união de culturas assemelha-se ao processo reprodutivo entre indivíduos: os descendentes sempre têm algo dos dois genitores, mas são sempre diferentes de cada um deles... ( ORTIZ apud MIGNOLO, 2003, p. 234-235)

Haverá, nesta concepção defendida por Ortiz, assim como na defendida por Rama, perdas e ganhos culturais para os envolvidos no processo transculturador, pois as mudanças, positivas ou negativas, nunca ocorrerão em uma só direção. Neste sentido, é que a obra *Macunaíma* insere-se como obra representativa do Brasil, pois traz a figura do herói “sem nenhum caráter” que, inicialmente, representa uma sociedade primitiva, com os valores indígenas em conflito com os da sociedade urbana, entretanto, na busca pelo resgate dos valores primitivos, ele perde sua identidade e retorna a sua terra desprovido desses valores e, pior, modificado pelos valores do colonizador.

*Macunaíma* já não é índio-negro, pois branco tornou-se, tampouco é europeu porque seus valores são mistos agora. Todavia, por não “ter caráter nenhum” é que representa a figura do brasileiro, esse ser novo. De acordo com Sérgio Buarque de Holanda “o brasileiro não tem caráter porque não possui nem civilização própria nem consciência tradicional.” (HOLANDA apud FINAZZI-AGRÓ, 2013, p. 133). Após passar por tantas mudanças e,

também por sentir falta de sua amada, o herói se “aborreceu de tudo, foi-se embora e banza solitário no campo vasto do céu.” (ANDRADE, 1986, p. 140) Misticamente, *Macunaíma* torna-se a Ursa Maior.

### **O papel de Mário de Andrade na construção de um projeto nacionalista**

Após o início da Primeira Guerra Mundial (1914), o mundo vivia um período de grandes mudanças socioculturais, principalmente no cenário europeu. Nesta época, alguns fatores contribuíram para as mudanças que ocorreriam no cenário nacional, dentre eles: houve uma grande imigração para o Brasil de diversos povos, sobretudo, no início, de italianos, que também são responsáveis pela mestiçagem do povo brasileiro; a relevante expansão industrial de São Paulo, que possibilitou que a capital econômico-cultural do país fosse transferida para este estado; o crescimento do operariado – massa menos favorecida da sociedade; a criação das primeiras centrais sindicais responsáveis; a insatisfação do proletariado em relação à burguesia europeizada que não representava o povo brasileiro; esses fatos foram importantes para que os intelectuais, (o que Mário de Andrade chamaria de uma nova “inteligência nacional”) buscassem uma valorização do nacional, ou seja, de uma cultura representativa do povo. O Romantismo fez uma tentativa nesse sentido; e o Modernismo e seus intelectuais desempenharam papel fundamental neste processo.

Vários nomes destacaram-se no período inicial do Modernismo, mas, para o que se propõe este trabalho, um nome merece destaque por criar obras dentro do contexto de formação de uma representação do povo brasileiro: Mário de Andrade. Definição de Mário de Andrade por ele mesmo:

Eu sou um escritor difícil  
Que a muita gente enquisila,  
Porém essa culpa é fácil  
De se acabar de uma vez:  
E só tirar a cortina  
Que entra luz nesta escuridez.  
(A Costela de Grão Cão)

(ANDRADE, 2013, v. 1-6)

Mário Raul de Moraes Andrade nasceu no dia 9 de outubro de 1893, em São Paulo e começou a escrever aos 11 anos. Mário sempre quis ser escritor, conforme confidenciou a Homero Senna: “Tenho a certeza de que fui escritor desde que concebido”. Em 1922, participou da *Semana de Arte Moderna* em São Paulo, no Teatro Municipal de São Paulo. Publicou *Paulicéia Desvairada*, com versos livres, atendendo a nova proposta do movimento modernista. Em 1926, escreveu *Macunaíma*, sua obra exponencial, que só será publicada em 1928, talvez porque, assim como o personagem “filho do mato-virgem” tenha sentido “preguiça” de terminar a obra. Em fevereiro de 1945, Mário morreu em São Paulo vitimado por um enfarte do miocárdio.

Mário de Andrade, por sua contribuição como crítico e literato, foi a figura pública homenageada na FLIP 2015 (Feira Literária Internacional de Paraty) que ocorreu de 01 a 5 de julho, com várias programações, com diversas temáticas, algumas giraram em torno da vida e obra do autor paulista. Diante de sua extensa bibliografia, percebemos que Mário teve participação ativa nos primeiros anos da sedimentação do Modernismo Brasileiro. O literato participou ativamente do processo de transformação da cultura, fosse por meio de suas críticas ou por sua escrita poética e prosaica. Ao publicar *Macunaíma*, o autor criticou, satiricamente, a europeização do brasileiro nas obras, caracteriza como seria, de fato, esse ser brasileiro “sem nenhum caráter”. Obteve grande reconhecimento daqueles que, assim como ele, sentiam-se insatisfeitos com a falta de uma representação da figura do brasileiro comum, com cultura própria, baseada em lendas indígenas, ditados populares, cantigas, regionalismos, entre outras peculiaridades desse povo híbrido, multifacetado.

### **A antropofagia como instrumento do fazer literário de Mário de Andrade**

*O escritor latino-americano brinca com os signos de um outro escritor(...)*  
Silviano Santiago  
(Uma literatura nos trópicos)

O Manifesto Antropófago (1928) “lança a palavra “antropofagia” como pedra de escândalo para ferir a imaginação do leitor com a lembrança desagradável do canibalismo, transformada em possibilidade permanente da espécie.” (ANDRADE, 2001, p. 15). Mário de Andrade, ao criar *Macunaíma*, fez da antropofagia seu instrumento principal para “comer” mitos, fábulas, lendas, ideias estrangeiras e nacionais para transformá-las em algo

novo, representativo do verdadeiro ser brasileiro, não concebido por ele como as representações literárias, até então, faziam. “Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.” (ANDRADE, 2001 p. 47).

Os intelectuais antropófagos lutavam, sobretudo, contra as formas de dominação da sociedade patriarcal das primeiras décadas do século XX. Para entender a importância da antropofagia no fazer literário de Mário, é preciso ter em mente as muitas faces do inimigo que a palavra combate; segundo Oswald de Andrade:

o aparelhamento colonial político-religioso repressivo sob que se formou a civilização brasileira, a sociedade patriarcal com seus padrões morais de conduta, as suas esperanças messiânicas, a retórica de sua intelectualidade, que imitou a metrópole e se curvou ao estrangeiro, o indianismo como sublimação das frustrações do colonizado, que imitou as atitudes do colonizador. (ANDRADE, 2001, p. 15).

A célebre frase de Oswald “*Tupy or not tupy that is the question*” traduz bem o movimento de deglutição do outro (do externo) feito pelos escritores antropófagos que usaram os signos estrangeiros com conotação diversa da usada em seus *locus* de origem. “Como o signo se apresenta muitas vezes numa língua estrangeira, o trabalho do escritor em lugar de ser comparado ao de uma tradução literal, propõe-se antes como uma espécie de tradução global, de pastiche, de paródia, de digressão.” (SANTIAGO, 2000, p. 21) Isso permite ressignificações no texto, ideia, conceito copiado. Mário reiterou a importância da antropofagia nas obras artísticas. O signo será, deste modo, ressignificado no novo texto. Nesse sentido, Silviano Santiago citará em *Literatura nos trópicos*, como exemplo, o vocábulo *índio* cujo significante permanece o mesmo nos diversos textos românticos do Novo Mundo, mas cujo significado passa outra mensagem em cada um desses textos. Para Santiago “as palavras do outro têm a particularidade de se apresentarem como objetos que fascinam seus olhos, seus dedos, e a escritura do segundo texto é uma parte da história de uma experiência com o signo estrangeiro.” (SANTIAGO, 2000, p. 21).

O vocábulo antropofagia, muito usado pelos autores modernistas, é uma “metáfora orgânica” (ANDRADE, 2001, p. 15), inspirada no ritual de cerimônia guerreira do povo tupi de imolação do “inimigo valente apresado em combate”, que seria, de fato devorado. Na Literatura, esse combate ocorrerá sob a forma de ataque formal, seja pela sátira ou crítica.

Desse “devorar”, nasceria o espírito nacional, conforme Mário de Andrade mostra-nos em *Macunaíma*. Sobre a identidade nacional, o crítico italiano Finazzi-Agró, diz:

A identidade Nacional, a base sobre a qual se assenta o “nós” consistiria, de fato, nesse caráter residual, não apenas como produto de uma devoração e metabolização da diferença, mas também como sobrevivência do antigo no novo e emergência contínua do novo no antigo (...) (Macunaíma deve ser, nesse sentido, considerado exemplar)” (FINAZZI-AGRO, 2013, p. 240)

Percebe-se que, em *Macunaíma*, temos a atualização da cultura indígena e, ao mesmo tempo, a modernidade torna-se mítica, invertendo a lógica cultural. O crítico italiano, nesse texto, ainda salientará a importância de saber a forma como os intelectuais modernistas posicionaram-se diante da relação com a cultura europeia, de que forma ocorria a apropriação ou se havia distanciamento de tal cultura, para reforçar a cultura nacional. Para Silvano Santiago, é na luta travada entre essa apropriação e distanciamento que ocorrerá o “ritual antropofágico da literatura latino-americana” (SILVIANO apud FINAZZI-AGRÓ, 2013, p.241), no qual encontraremos seu “entre-lugar”.

### **A brasilidade em *Macunaíma* como representação do brasileiro na América Latina**

Com as mudanças provocadas pela Semana de Arte Moderna em 1922, os escritores brasileiros buscaram representar a “brasilidade” em suas obras. Pode-se citar *Macunaíma* (1928) como o ápice da representação brasileira dentro da *Latin America*. A obra foi classificada como uma “rapsódia” pelo próprio Mário de Andrade, pois “é construída a partir de um conjunto de lendas a que se misturam superstições, provérbios, anedotas e elementos fantásticos.” (TUFANO, 2003, p. 56). O próprio nome, segundo o crítico Cavalcanti Proença, foi escolhido porque o personagem “não é só do Brasil, é da Venezuela também, e o herói, não achando mais a própria consciência, usa a de um **hispano-americano** (grifo meu) e se dá bem do mesmo jeito.” (CAVALCANTI apud TUFANO, 2003, p. 57). Ou seja, sua multiplicidade o transforma em um ser que representa a nação brasileira e, ao mesmo tempo, outra nação, deste modo, amplia sua inserção na América Latina.

Para usar a história do “herói sem nenhum caráter” como referencial de uma brasilidade dentro da América Latina, é preciso dizer que o conceito de *Latin America* ainda não está totalmente sedimentado, conforme nos alerta Leslie Bethell, em seu artigo *O Brasil e a ideia*



de “*América Latina*” em perspectiva histórica (2009), portanto a inserção que se propõe fazer neste trabalho é uma hipótese, dentre outras possíveis.

Em relação a expressão “América Latina” é preciso dizer que “nenhum dos políticos, intelectuais, escritores hispano-americanos que primeiro utilizaram a expressão “América Latina”, e nem seus equivalentes franceses e espanhóis incluíam nela o Brasil.” (BETHEL, 2009, p. 293). O Brasil não se relacionava com os países hispano-americanos, essa é uma possibilidade para não ser inserido. Bethel salienta, ainda, pessimistamente, bem ao final do mesmo artigo, que “o mundo deve parar de considerar o Brasil como parte daquilo que, na segunda metade do século XX, foi chamado de América Latina” (BETHEL, 2009, p. 314), ou seja, faz uma forte crítica a não-inserção, de fato, do país dentro do conceito de América Latina, pois, segundo ele, o Brasil tornou-se uma potência em destaque na América do Sul, somente.

Por um lado, concordo com o teórico, em parte, quando ele questiona: “quando foi que o Brasil finalmente começou a fazer parte da “América Latina”? (BETHEL, 2009, p. 305) porque, neste momento, sua crítica volta-se para o reconhecimento, por parte dos Estados Unidos, Europa e o restante do mundo da inserção do Brasil dentro da região chamada *Latin America*, porém poucos brasileiros, imagino que se refira aos intelectuais, neste momento, identificaram-se com a América Latina, não buscando a integração com os países latino-americanos. Inclusive, em um artigo intitulado “intelectual”, Mário de Andrade, indignado, salientará: “nós estamos ainda naquele mesmo ponto desumano, imbecilmente egoístico em que banzavam a sua inteligência vasta, cultivada, saudosista, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, e todos os outros fazedores de Academias celestiais.” (MÁRIO apud SOARES, 2012, p. 154). Sua crítica, neste momento, era para a falta do engajamento dos intelectuais brasileiros.

Walter Mignolo, quase respondendo à questão de Bethel, dirá que “o Brasil fica incluído na América Latina não por causa da língua(...) mas por pertencer ao continente!” (MIGNOLO, 2003, p. 186), portanto, mais que um interesse político, foi a posição geográfica que determinou a inserção do Brasil na América Latina, inicialmente. O argentino Manuel Baldomero Ugarte (1875 – 1951) foi o primeiro a defender a inclusão brasileira na América Latina. Para ele, o Brasil era “parte integrante da nossa família de nações [América Latina],

como parte do ideal vindo da península hispânica” (UGARTE apud BETHEL, 2009, p. 300). Embora muitos intelectuais hispânicos não fossem desta mesma opinião.

Por outro lado, na visão abordada neste trabalho, defende-se que a obra *Macunaíma* representa o brasileiro na América Latina, caso haja interesse de um estudo antropológico da formação brasileira. De acordo com o crítico Cavalcanti Proença, Mário, ao criar essa obra, usou material:

de origem **européia, ameríndia e negra**, pois que Macunaíma, que nasce índio-negro, fica depois de olhos azuis quando chega ao planalto, enquanto os irmãos de mesmo sangue, um fica índio e outro negro. E continuam irmãos. Macunaíma, entretanto, não adquire alma européia. É branco só na pele e nos hábitos. A alma é uma mistura de tudo” (CAVALCANTI PROENÇA apud TUFANO, 2003, p. 57, grifo meu)

Embora a crítica de Bethel seja pertinente, pois se levarmos em conta que a inserção do Brasil na América Latina ocorreu entre 1920 e 1930 - ganhando força, sobretudo, nos períodos de Guerra Mundial e Guerra Fria – e que pouco foi feito, seja pelo Governo ou pelos intelectuais da nossa geração modernista no sentido de ampliar a relação com os países integrantes da América Latina.

Silviano Santiago, em aula inaugural do primeiro semestre do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo em março 2015, proferiu críticas aos intelectuais modernistas que fizeram um desserviço ao se mostrarem intransigentes e fechados ao contato com intelectuais de outras nações. Disse ainda que somente com o fenômeno do “exílio” esta desejável interação foi possível o que propiciou um avanço em termos literários. Tanto os intelectuais brasileiros receberam influência de escritores estrangeiros, quanto influenciaram nos escritos de autores para além das fronteiras brasileiras.

Santiago fará uma contribuição importante para este trabalho ao dizer que:

entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão – ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropofágico da literatura latino-americana.” (SANTIAGO, 2000, p. 26)

Sabe-se que o movimento modernista do Brasil sofreu forte influência das vanguardas europeias, principalmente da França. Inclusive, Ángel Rama em sua obra *Literatura, Cultura e Sociedade na América Latina* (2008) critica o fato de ser a capital francesa o polo de “reunificação” dos intelectuais da América Latina. “A situação da América Latina em si não é diferente” (RAMA, 2008, p. 172). Embora seja pertinente o apontamento do teórico, ainda mais se considerarmos que muitos intelectuais, de várias partes do mundo, travavam encontros em Paris, isso não quer dizer que não houvesse, em alguns, uma vontade de romper com a significativa influência europeia em suas obras.

Rama, no capítulo “Algumas sugestões de trabalho para uma aventura intelectual de integração” salientará que as Revoluções (Mexicana, Cubana, por exemplo) serviram para aproximar os intelectuais de diversos países, inclusive do Brasil. No caso da Revolução Cubana, dirá o crítico “(...) estabeleceu uma circulação de escritores, igualmente impensável antes, servindo, inclusive, para estreitar vínculos entre os escritores brasileiros e os escritores hispano-americanos.” (RAMA, 2008, p. 167-169). Não é preciso dizer que este contato fortaleceu os vínculos entre estes mundos diferentes.

Pensando agora na questão do uso da língua portuguesa em sua “função literária”, *Macunaíma*, de Mário de Andrade, é uma obra que se insere, fortemente, no movimento modernista brasileiro, como obra antropofágica, que não nega receber influências estrangeiras, entretanto se propõe a digeri-las e transformá-las em algo novo, com características brasileiras. Sobre a antropofagia, Paul Valéry diria ainda: “Nada mais original, nada mais intrínseco a si que se alimentar dos outros. É preciso, porém, digeri-los. O leão é feito de carneiro assimilado. (VALÉRY apud SANTIAGO, 2000, p. 19) É isso que Mário se propõe a fazer ao criar, em “seis dias ininterruptos de rede cigarros e cigarras na Chacra de Pio Lourenço”, conforme palavras do próprio autor. (ANDRADE apud FINAZZI-AGRÒ, 2013, p. 140). Mário de Andrade, também, reforça seu antropofagismo ao dizer:

(...) Confesso que copiei, copiei às vezes textualmente. Quer saber mesmo? Não só copiei os etnógrafos e os textos ameríndios, mas ainda, na “Carta pra Icamíabas”, pus frases inteiras de Rui Barbosa, De Mário Barreto. De cronistas portugueses coloniais, e devastei a tão preciosa quão solene língua dos colaboradores da Revista de Língua Portuguesa. (ANDRADE apud FINAZZI-AGRÒ, 2013, p. 136)

O fato de o autor modernista confessar fazer uso de citações, muitas vezes, na íntegra, mostra-nos que tal processo de apropriação, fosse de mitos, conceitos, ideias, ou frases inteiras não interferia na originalidade de suas obras, pois, de acordo com o escritor, era preciso deglutir as coisas “copiadas” e transformá-las em algo ímpar, diverso. Foi assim em *Macunaíma*, obra considerada por alguns críticos como a mais representativa de uma brasilidade possível.

Não somente, mas também, por ter escrito a obra em rapsódia, mostrando os mitos folclóricos do Brasil, podemos dizer que *Macunaíma* pode representar o país como uma obra expressiva dentro da América Latina. Não foi sem motivo que o autor fez da Literatura de Cordel, baseada na cultura oral do Nordeste, seu instrumento de construção do livro sobre o “herói de nossa gente”. É por meio da linguagem não dominada pela Gramática Normativa que o autor dará voz aos seus personagens, pois já era o momento de romper com o silêncio dos subalternos, era preciso mostrar que a cultura oral também possuía características peculiares desse povo cuja voz era inaudível até então. “Não havia mais ninguém lá[...] Um silêncio dormia à beira-rio do Uraricoera.” (ANDRADE apud FINNAZI-AGRÓ, 2013, p. 143).

Sobre os cantadores do Cordel, em seu artigo “Fronteiras, cruzamentos, transgressões”, Ettore Finazzi-Agró trará a seguinte afirmação:

(...) o seu perpetuar-se em terra americana, a sua sobrevivência também dentro e através das expressões características da moderna cultura de massa, proporciona justamente um exemplo probatório da especificidade cultural brasileira – dentro, evidentemente, do mais amplo contexto de latino-americano. (FINAZZI-AGRÓ, 2013, p. 138)

A Literatura de Cordel, por misturar memória e ficção, difere da obra pré-modernista “Os Sertões” de Euclides da Cunha, por não representar, como a segunda, quase que fielmente, um dado período histórico do Brasil. Os cantadores do Cordel misturam fatos com ficção, retomam mitos brasileiros e (re)inventam outros. Não há uma representação mimética da história. Não só pelo fato de ser escrita num gênero tipicamente brasileiro, *Macunaíma* torna-se a representação do brasileiro dentro da América Latina, mas também porque o herói não tem “caráter nenhum; que constrói seu heroísmo exatamente sobre a sua falta de ter uma fisionomia (tanto moral quanto física) estável. (FINAZZI-AGRÓ, p. 139). Uma hora é criança, com sua cara de “piá”, noutra é “príncipe lindo”, depois é “francesa”; ele mente

descaradamente sem qualquer sentimento de culpa e usa das mais incríveis artimanhas para “brincar” com as “cunhas”. É, exatamente, nesta instabilidade que está a multiplicidade do “herói de nossa gente”. Ao não ser um só, torna-se múltiplo, representando, facilmente, diversos “papéis sociais” (ADORNO, 2002, p. 103).

Para finalizar, apesar dos argumentos contrários de Leslie Bethel (bem articulados, por sinal), concordo com Rama quando ele diz que é preciso “construir um discurso através do qual seja possível aproximar as literaturas hispano-americanas e as brasileiras” (RAMA, 2008, p. 171). Pensamento que também é compartilhado por Silviano Santiago, pois o professor salientou, na aula anteriormente citada, que os intelectuais brasileiros das novas gerações devem interagir com os intelectuais da América Latina. Por acreditar que esse dialogismo seja interessante para os estudos literários, é que defendo a possibilidade de eleger *Macunaíma* como uma representação do povo brasileiro dentro da América Latina. Essa representação brasileira – que se faz por meio de suas características étnicas, sociais, antropológicas, culturais, religiosas - nunca foi tão evidente quanto percebe-se na obra de Mário de Andrade. Óbvio que, quando Rama falava em “construir um discurso”, o teórico referia-se, sobretudo, aos “especialistas nessas literaturas”, portanto o escritor paulista pode ser classificado como um, tendo em vista a relevância de sua obra, por ter exercido por muitos anos o papel de crítico musical e literário, além de possuir uma erudição muito reconhecida.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. Tempo livre. In: \_\_\_\_\_ **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 103-104.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**. 22. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986.

\_\_\_\_\_. **Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira**, organização, introdução e notas de Marcos Antônio de Moraes, SP, Edusp/IEB-USP, 2000.

\_\_\_\_\_. A costela do Grã Cão. In: \_\_\_\_\_. **Poesias completas**. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013, v. 1-6.

ANDRADE, Oswald de - **A utopia antropofágica**. São Paulo: Globo, 1990, p. 15-47.

BETHEL, Leslie. O Brasil e a ideia de América Latina em perspectiva histórica. **Estudos Históricos**. FGV. Rio de Janeiro, vol. 22, n. 44, julho-dezembro, 2009, p. 289-321.

FINAZZI-AGRÓ, Ettore. Fronteiras, cruzamentos e transgressões. Economia da modernidade: prodigalidade e pobreza. In: **Entretempos**. Mapeando a história da cultura brasileira. São Paulo: Ed. Unesp, 2013, p. 136-147.

FREYRE, Gilberto. Uma visão quase apologética do comportamento hispânico ou ibérico nos trópicos. In: **Palavras repatriadas**. Brasília: Ed. UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003, p. 435-461.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. O semeador e o ladrilhador. In: **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1995, p. 124-129.

MIGNOLO, Walter. Compreensão humana e interesses locais. O ocidentalismo e o argumento (latino-)americano. In: \_\_\_\_\_. **Histórias Locais, projetos globais**. Colonialidade saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Ed. UGMG, 2003, p. 186-235.

RAMA, Ángel. Algumas sugestões de trabalho para uma aventura intelectual de integração. In: **Literatura, cultura e sociedade na América Latina**. Belo Horizonte: Ed. UGMG, 2008, p.167-179.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: \_\_\_\_\_. **Uma literatura nos trópicos**. Ensaio sobre dependência cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 9-26.

SOARES, Luís Eustáquio. **América Latina, Literatura e Política**. Abordagens transdisciplinares. Vitória: EDUFES, 2012, p. 154

TUFANO, Douglas. **Modernismo: Literatura Brasileira**. São Paulo: Paulus, 2003, p. 56-57.